



NOTA Á CÊRCA DAS FONTES

B. 18.488

Ha no nosso país grande variedades de fontes, ao que já me referi na *Revista Lusitana*, III, 228 e 234. A este proposito umas regiões offerecem mais materia de estudo do que outras. Numa viagem que em Agosto e Setembro do corrente anno fiz pela Beira tive occasião de observar muitas fontes, de architectura curiosa: umas, com um arco, tendo em cima uma cruz entre duas pyramides; outras com brazões de armas, da familia a que pertencem.

Em Junho de 1894 estive na quinta de S. Mamede da Rôliça (concelho de Obidos) pertencente ao Sr. Francisco Guilherme de Castro, e ahi vi uma fonte do seculo XVI com uma inscripção latina; a água sae da bôca de uma carranca, e em volta d'esta lê-se: VT VNDA VNDA PELITUR DIES DIE 1580, o que significa: «Um dia é impellido por outro dia, como uma onda por outra onda», isto é, — o tempo vae passando como a água que corre.

Na célebre fonte do Satyro, da cêrca do convento de Bemfica, ha tambem uma inscripção que, se não é igual á precedente, é muito semelhante. Na impossibilidade de ir agora a Bemfica copiá-la, o que farei na primeira occasião disponivel, contento-me com transcrever para aqui o que diz Fr. Luis de Sousa: «E porque entre gente, que professa lettras, é bem que nem nos satyros se ache rudeza, faz lembrança este nosso, a quem folga de o ver com um verso latino entalhado em pedaços de marmore negro, *que correm a vida e os annos sem parar, nem tornar a trás, ao modo d'aquelle licor, que lhe sae das mãos*»<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> *Historia de S. Domingos*, Lisboa 1767, Parte II, liv. II, cap. 3, pag. 95.

Num relatorio manuscripto, enviado pelo engenheiro Sr. João Henrique von Hafe ao Ministerio das Obras Publicas á cêrca das ruinas de Panoias, vem o desenho de uma pedra de grés que elle encontrou no lugar do Assento de Val-de-Nogueiras, termo de Villa-Real de Trás-os-Montes, e que suppõe ter pertencido a uma fonte. Público aqui o desenho; nelle se lê a inscripção: *Renovabitur ut Aquilae Juventus tua in Fonte*, que significa: «nesta fonte se renovará a tua mocidade, como a da aguia». A primeira parte da inscripção, isto é, *Renovabitur ut aquilae juvenus tua*, pertence ao psalmo CII de David, que dirige tal expressão á sua alma. O artista deu vulto ao versiculo, figurando uma aguia a dirigir o bico, segundo parece, para a argola da tampa de uma fonte ou poço. O que não posso dizer é se a phrase *in fonte*, que foi acrescentada á sentença biblica, se lhe encorpora, constituindo esta assim uma applicação mais clara á água, ou se serve apenas de



Escala — 1 : 7

rotulo, para indicar que alli está uma fonte. Foi na primeira hypothese que traduzi a inscripção por inteiro. O mais provavel porém é que o artista quisesse indicar os dois factos, collocando pois o resto da inscripção junto da propria tampa do reservatorio de agua, para que não houvesse dúvida á cêrca do sentido, — ser tão boa a água, que de velhos fazia moços. Aquelle passo do propheta David foi interpretado por Santo Ambrosio como significando a graça do baptismo: assim como a aguia renova as pennas, e alcança idade provecta, assim a alma, pela graça do baptismo, póde libertar-se do peccado, e como que rejuvenecer. Ponho aqui as proprias palavras do santo: «Ut autem intelligas quia de gratia baptismatis Propheta loquitur, innovationem ipsam aquilae comparavit, quae avis assidua commutatione habitus sui longam ducere fertur aetatem, et vetustis jam fatiscentibus plumis nova pennarum successione juvenescere, ita ut depositis antiquitatis

exuviis, rediviva indumentorum nativitate se vestiat»<sup>1</sup>. Vê-se como, sob o aspecto mystico, era justa a comparação da água da fonte com a do baptismo, por intermedio da aguia. Quem desejar ainda mais alguns desenvolvimentos sobre o assumpto consulte a erudita obra de Aldrovandi, intitulada *Ornithologia* (em latim), Bononiae 1599, lib. 1, pag. 67 e 68. — Assim fica explicado o sentido da escultura e da inscripção da fonte do Assento, que não é anterior ao seculo XVI; se gastei poucas palavras na explicação, porque não me sobra tempo para palavreados, nem por isso deixei de trabalhar algumas horas; valha-me ao menos o ter trabalhado entre livros santos!

Innumeros outros exemplos de fontes com versos e sentenças se podiam aqui inserir; mas por agora limito-me a estes, deixando outros para novo artigo. Entretanto, se a algum leitor aprouver enviar para *O Archeologo* notas interessantes sobre o assumpto, de boa vontade se lhe publicarão.

O costume de adornar as fontes com symbolos e versiculos é degeneração de outros mais antigos, de epochas em que as fontes se poetizavam e divinizavam. Não ha ninguem que não conheça as fontes de Arethusa, da Castalia, de Aganippe, de Bandusia. Este costume, porém, ao contrário de outros parallellos que existem no país, tem origem erudita, veio immediatamente para nós no tempo do Renascimento: nessa epocha o latim era em tal abundancia, que até jorrava da bôca das fontes! Os costumes parallellos a que me refiro são os das fontes santas e fontes mythicas, muito enraizados na tradição popular, e que provém, sem interrupção, da antiguidade.

Uma das fontes sagradas mais notaveis do nosso país, na epocha preromana, era a do deus bracaro *Tongoenabiagus*, que ainda hoje existe em Braga, e de que publicarei proximamente n-*O Archeologo* um estudo desenvolvido; o nome d'este deus, cuja leitura correcta eu fui o primeiro a dar, será de origem celtica, e revela na divindade attributos curiosos. Dos tempos romanos temos, por exemplo, a fonte santa de Bencatel, consagrada aos deuses *Fontanus* e *Fontana*. Com a introduccção do Christianismo, e as successivas mudanças de civilização, as fontes pagãs receberam designações christãs (*Fonte de S. Gualter*, *Fonte da Senhora do Carmo*) e outras um tanto diversas das primeiras (*Fonte da Moira*); mas, pelo conhecimento geral da historia das religiões, pelas lendas e pelas superstições adjuntas (banhos santos, por exemplo), recompõe-se o seu character primitivo.

<sup>1</sup> D. Ambrosii *Omnia quotquot extant opera*, Basileae 1567, III, 280.

Do que acabo de dizer, conclue-se que as fontes do nosso país, dignas de estudo pelo seu caracter tradicional, se classificam, como me parece, em:

- a) fontes com caracter mythico (exs.: as *Fontes das Moiras*);
- b) fontes com caracter christão (exs.: as *Fontes Santas*, as fontes com paineis, cruces, imagens);
- c) fontes com caracter litterario (exs.: as de S. Mamede, Bemfica e Assento).

As duas primeiras classes são, como notei, mais antigas: o seu caracter provém directamente da antiguidade, embora fontes haja modernas que o recebessem por analogia com as outras. A última classe, com quanto em algumas fontes se leiam sentenças de caracter moral, o que aproxima as classes *c* e *b*, tem origem moderna, na epocha do Renascimento.

Levando mais por longe o estudo das fontes, poderíamos ainda considerar outras classes: como «fontes com caracter mais ou menos historico», por exemplo, a *dos Amores*, em Coimbra.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.